FELTES, Heloísa. *Ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

Resenhado por: Jorge Campos

Semântica Cognitiva – Ilhas, Pontes e Teias

Semântica Cognitiva (SC) – *Ilhas, Pontes e Teias* de Heloísa Feltes, Porto Alegre, Edipucrs, 2007, é um livro de considerável esforço descritivo e interpretativo sobre a Semântica Lingüística em sua interface com a ciência cognitiva tal como desenhada por pessoas como Fodor e Lakoff e alguns de seus interlocutores. Consistente com o papel que os processos metafóricos ocupam no interior da obra, Feltes apresenta seu trabalho numa dupla metáfora assumida pelo subtítulo “*Ilhas, Pontes e Teias*”. A primeira delas deve ser entendida intrateoricamente, em que *ilhas* está para *módulos*, *pontes* para *interfaces* e *teias* para *rede*; e a segunda, extrateoricamente, com *ilhas* para *pesquisadores isolados*, *pontes* para a necessidade de *superarem-se as distâncias insulares* e *teias* para um desejável *macroprojeto de comunicação* resultante de colaboração teórica forte na área cognitiva. Tal entrelaçamento metafórico é, certamente, bem sucedido para caracterizar o que, em várias passagens, a autora corrobora com sendo sua intenção com o conteúdo do texto e com sua inserção no cenário acadêmico, especialmente nacional. De fato, Feltes cumpre o que promete nos dois sentidos da metáfora. Oferece uma descrição exaustiva do contexto em que se insere a Semântica Cognitiva e o faz, numa perspectiva didática, que convida, explicitamente, os especialistas interessados para o debate. Além disso, e adicionalmente ao seu propósito teórico, tem a saudável ousadia de exemplificar, intensivamente, o modelo lakoffiano e alguma ampliação, na análise de inúmeros conceitos de expressiva complexidade como vida, morte, liberdade, violência, entre outros de mesmo nível. Acrescente-se a isso, uma aventura teórica no final do texto em que, a partir da idéia de religiosidade na imigração italiana da região de Caxias do Sul, Feltes e seus associados aproximam-se de uma espécie de Antropologia Cognitiva, de inquestionável valor para a comunidade em que a pesquisa se situa academicamente.

Em seu primeiro capítulo, a obra pretende contextualizar a Semântica Cognitiva em suas origens e filiação, caracterizando o que veio a ser rotulado

como “duas gerações das Ciências Cognitivas (CC)” em seu desenvolvimento. Fodor é o ícone da Teoria Representacional da Mente – a mente computacional; Lakoff, o símbolo da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados – a mente corporalizada, e a passagem de uma lógica formal para uma racionalidade corpórea, o índice da pretensa evolução teórica das CC. Basicamente, se se aceita a proposta de Lakoff e seus associados, da primeira geração para a segunda, teria havido uma reversão do posicionamento dos fundamentos filosóficos e da empiria científica. Na primeira geração, predominaram os fundamentos a priori das CC e, na segunda, começou a determinação pelos dados das experiências empíricas, especialmente pela Psicologia Cognitiva. A geração inicial representada por Fodor é exaustivamente descrita e interpretada por Feltes, num texto claro e de precisa retórica fodoriana. Nele, questões centrais como, por exemplo, a linguagem do pensamento, a computacionalidade da mente, conteúdo amplo e restrito, entre outras, deveriam ficar satisfatoriamente esclarecidas, ainda que indiscutivelmente complexas. Da mesma forma, com relação ao programa de investigação de Lakoff, Feltes tenta recortar o quadro conceitual das idéias lakoffianas, situando-o desde o contexto histórico-teórico em que elas emergem. De fato, Feltes articula adequadamente sua argumentação. Lakoff sente-se pressionado entre Chomsky, Fodor e Jackendoff, seus rivais e desafios na década de sessenta, e precisa construir uma base cognitivista além e aquém do quadro logicista de Frege e Russell. Nesse sentido, é absolutamente necessário para Lakoff desfazer-se de qualquer dualismo cartesiano de fundo, e oferecer, além disso, alguma abordagem alternativa para a questão clássica da mente/corpo. A corporalização da mente é tal alternativa. Com Kant, Putnam e Wittgenstein ao lado, ainda que não *in totum*, Lakoff constrói o seu experiencialismo básico como uma forma de alicerçar o seu edifício teórico sobre as colunas sensório-motoras, as emoções e as experiências sociais. A materialidade espessa de tais colunas sustentam os processos cognitivos e asseguram, metodologicamente, a evaporação do líquido lógico. De Kant, vem a idéia de fenômeno como construção, de Putnam, o realismo interno e a noção de estereótipo, e de Wittgenstein, as formas de vida, que garantem a significação do uso e o uso como significação nos jogos de linguagem. Evidentemente, para se livrar dos ditos impróprios modelos lógicos, Lakoff precisa abordar a Matemática e sua constituição conceptual. E ele o faz, com a colaboração de Rafael Núñez, defendendo uma Matemática não-formal ou experiencialista, aspecto que não chega a ser desenvolvido por Feltes em SC.

Na segunda parte de SC, Feltes passa a apresentar, detalhadamente, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) de Lakoff e seus associados. Os modelos cognitivos são tomados, então, como espécies de construtos condensados que articulam as diversas experiências humanas, tornando-as intrinsecamente inteligíveis, dentro de uma racionalidade socialmente vivenciada. Como idealizados, não necessariamente identificam situações reais, mas são potencialmente aptos

para gerar significações enraizadas na capacidade cognitiva humana de categorizar. Aqui, Feltes detalha a importância dos filósofos mencionados anteriormente e, de maneira especial, a contribuição de Eleanor Rosch e sua concepção de Semântica Prototípica como uma espécie de epifenômeno da noção essencial wittgensteiniana de semelhanças de família. Se Lakoff depende de desenhar melhor o quadro em que tais processos cognitivos se desenvolvem, então Fauconnier e Turner aparecem na hora certa com a Teoria de Espaços Mentais, inicialmente, e depois com a Teoria de Integração Conceptual mais a noção de Blending. Se a operacionalização de tais teorias e conceitos, principalmente Blending, são perfeitamente ajustáveis à TMCI, é algo que Feltes não chega a investigar em pormenores, ainda que essa tentativa seja feita em várias passagens de análise de conceitos. Mas, como Lakoff, explicitamente, endossa a compa-tibilidade, supõe-se que ela ocorra e Blending seja importante para a estrutura teórica da TMCI. A estrutura dos modelos cognitivos idealizados é complexa, mas a centralidade da metáfora é, indiscutivelmente, defendida por Lakoff e Johnson desde 1980, com a inovadora proposta de *Metaphors We Live By*. Aqui, com as análises bem construídas em SC, Feltes atinge um dos pontos fortes de seu trabalho, pelo risco de interpretação dos conceitos e, em última instância, de interpretação correta da teoria e seus possíveis avanços com Blending. Na sequência, o processo analítico se desenvolve através dos dois últimos capítulos, com Feltes esbanjando criatividade e acuidade técnica no desdobramento das redes conceituais. O trabalho com o conceito radial de religião, no final da obra, com a colaboração efetiva de Carina Granzotto, é uma das mais expressivas contribuições da autora não só para a explicitação e perfeita ilustração dos conceitos da TMCI, como, principal e convenientemente, para a análise cultural da imigração italiana e sua forma de vida religiosa. A maneira de mostrar como o conceito de religião organiza-se, radialmente, e impacta a forma de pensar dos imigrantes da região é altamente elucidativa e, sem dúvida, teria o aplauso do programa de pesquisa que Lakoff defende com tanto vigor argumentativo nos últimos anos. As contribuições de tal programa para as ciências cognitivas ainda não podem ser corretamente avaliadas. Assim como Pinker o interpreta como um certo delírio sem sustentação, pessoas como Damásio tem intersecções indiscutíveis com Lakoff, via conexão racionalidade/emoção. Com sua habitual energia, Lakoff expande, criativamente, seu programa para inúmeras outras áreas da cultura, inclusive a política, onde, certamente, terá seus debates mais ferozes.